

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BEATRIZ DE SOUZA

A LITERATURA INFANTIL COMO MEIO DE VALORIZAÇÃO
DA CULTURA INDÍGENA

Ribeirão Preto
2023

BEATRIZ DE SOUZA

**A LITERATURA INFANTIL COMO MEIO DE VALORIZAÇÃO
DA CULTURA INDÍGENA**

Trabalho de conclusão de curso de
Pedagogia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do
título de pedagoga.

Orientadora: Dr^a Renata Maria Cortez
da Rocha Zaccaro.

Ribeirão Preto

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

S729L

Souza, Beatriz de

A literatura infantil como meio de valorização da cultura indígena/ Beatriz de Souza - Ribeirão Preto, 2023.

29p.il

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia do Centro Universitário Barão de Mauá

Bibliotecária Responsável: Maria Gabriela F. Cobiانchi CRB⁸ 9914

BEATRIZ DE SOUZA

**A LITERATURA INFANTIL COMO MEIO DE VALORIZAÇÃO
DA CULTURA INDÍGENA**

Trabalho de conclusão de curso de
Pedagogia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do
título de pedagoga.

Orientadora: Dr^a Renata Maria Cortez
da Rocha Zaccaro.

Data de aprovação: 06/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Yuri Araujo Carvalho
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Flavia Furlan Granato
Professora convidada – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto
2023**

Dedico este trabalho às mulheres que me inspiram:

Elis Regina de Souza

Maria Aparecida Moura de Souza

Marlene Mariano de Souza

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, à minha mãe, Elis Regina, pois eu pensei várias vezes, ao longo do curso, em trancá-lo, mas ela estava sempre ali me apoiando, dando-me forças para continuar e dizendo o quanto ela se orgulha de mim.

Quero agradecer ao meu irmão mais novo, Gabriel Mariano, por ser um suporte motivacional na minha vida e sempre estar do meu lado quando tenho crises de ansiedade. Ele sempre será especial para mim.

Quero agradecer aos meus avós maternos, Maria Aparecida e Lázaro de Souza, por sempre estarem ao meu lado nos momentos difíceis da minha vida.

Quero agradecer à minha orientadora querida, Renata Cortez, pela incrível paciência, dedicação e empatia ao decorrer da produção deste trabalho. Agradeço por estar ao meu lado nesses momentos difíceis.

E, por fim, quero agradecer ao Sidiclei A. Silva, meu padrinho. Sem ele, eu teria trancado o curso durante a pandemia, pois estava sem notebook e, graças a ele, hoje tenho um. Agradeço por, juntamente com a minha mãe, serem meu apoio durante todo o meu percurso neste curso. É por eles que eu continuo no meio acadêmico.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo trazer a importância de se desenvolver o respeito e a valorização da cultura indígena brasileira dentro de sala de aula, utilizando a literatura infantil como meio de se trabalhar com os alunos essa temática tão importante. O preconceito não nasce com a criança, ele é aprendido por ela. O dever da escola é formar cidadãos críticos e sem preconceitos, este trabalho tem a função sugerir um trabalho que favoreça esta temática tão importante, que é o respeito aos povos originários do Brasil. O principal autor abordado foi Daniel Munduruku. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica. O trabalho assim se configurou: após a introdução, a segunda seção traçou uma linha do tempo desde a chegada dos portugueses até a atual república. Na terceira seção, foi abordado o apagamento dos povos indígenas dentro da educação brasileira. Por fim, na quarta seção, foram apresentados os principais autores, com uma breve análise de suas principais obras, finalizando com o ponto mais importante deste trabalho que é o porquê e o como a literatura pode ser um meio para a valorização dos povos indígenas do Brasil.

Palavras Chave: Literatura infantil; preconceito; indígenas.

ABSTRACT

The aim of this paper is to highlight the importance of developing respect and appreciation for Brazil's indigenous culture in the classroom, using children's literature as a means of working with students on this very important subject. Prejudice is not born in children, it is learned by them. The school's duty is to form critical citizens without prejudice, and this work aims to provide a means of working on this very important subject, which is respect for the native peoples of Brazil. The first chapter will trace a timeline from the arrival of the Portuguese to the current republic. In the second chapter, the erasure of indigenous peoples from Brazilian education will be addressed, bringing together sources with reports. Finally, the third chapter will conclude with the main authors and a brief analysis of their main works, ending with the most important point of this work, which is why literature is a means of valuing Brazil's indigenous peoples.

Keywords: children's literature; prejudice; indigenous

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO 1 - PINDORAMA.....	12
1.1 Os jesuítas.....	13
1.2 Reforma das pombalinas.....	14
1.3 Velha e Nova República.....	15
CAPITULO 2 – APAGAMENTO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	18
2.1 – A estereotipização ainda se perpetua.....	18
CAPÍTULO 3 – A LITERATURA LIBERTA DAS AMARRAS DO PRECONCEITO	21
3.1 – Uma breve análise de algumas obras literárias	23
3.2 – Literatura infantil como um meio de valorizar os povos indígenas do Brasil ...	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

“Minha mãe foi pega pelo laço quando pequena”, foi a frase escutada pela graduanda quando era pequena sobre como sua bisavó de origem indígena foi parar no meio urbano, suas origens foram apagadas, não se sabe de qual povo seus pais eram, qual língua falavam, nem seus nomes, o que sobrou foi a cor da sua pele e traços que foram passados pelas gerações até desaparecem com a miscigenação.

Daniel Munduruku (2018), destaca bem em seu relato a violência que inúmeras mulheres indígenas sofreram e ainda sofrem:

O Brasil foi “inventado” a partir das dores de suas mulheres e é importante não esquecermos esta história para podermos olhar de frente para nosso passado e aprendermos com ele. O Brasil precisa se reconciliar com sua história; aceitar que foi “construído” sobre um cemitério (MUNDURUKU, 2018).

Esse sentimento de falta de pertencimento, falta de reconhecimento e valorização de suas histórias e de quem realmente são é algo que vem sendo pauta de discussões de diversos ativistas indígenas, pois, “[...] projeto colonialista brasileiro ocultou a presença dos indígenas no processo de formação da identidade nacional ‘oferecendo’ apenas um dia para ‘comemorar’ a memória de nossos primeiros ancestrais” (MUNDURUKU, 2017, p. 9). Por meio disso, foi pensado como trazer isso para a sala de aula, o uso da literatura sendo um meio mais viável e o pensamento de que é necessário se começar dos menores, pois, é com eles que tudo se inicia.

Esta pesquisa tem como motivação as origens familiares da graduanda. A importância de valorizarmos a cultura indígena deve ser influenciada dentro do ambiente escolar, na maioria dos casos o trabalho com a temática vem com datas específicas como o “Dia do Índio”, mas esta pesquisa busca mostrar que é possível trazer esse respeito a cultura indígena brasileira desde a educação infantil através da literatura.

Por que a literatura de origem indígena não é trabalhada nas escolas?

Objetivo Geral: Apresentar a importância de se trabalhar com livros de autores indígenas brasileiros.

Objetivo (s) específicos: Analisar os livros disponíveis de autores indígenas e como encaixa-los no planejamento pedagógico; ressaltar a problemática da falta de literatura de origem indígena nas escolas

Uma pesquisa básica bibliográfica qualitativa, que abordará um assunto que já foi discutido em outras pesquisas, porém trazendo a importância de se trabalhar livros infantis de autores indígenas brasileiros dentro de sala de aula com finalidade de inspirar os docentes que lerem esta pesquisa a trabalhar esta temática tão importante que é a valorização dos povos nativos do Brasil que continuam tendo sua cultura apagada até hoje.

Este trabalho trará as obras e os relatos do autor indígena, Daniel Munduruku, como elemento principal e mais importante das discussões sobre o apagamento cultural dentro e fora das escolas, o preconceito que se perpetua na sociedade, maneiras de se abordar a cultura indígena com auxílio de seus livros.

O primeiro capítulo “Pindorama”, trará uma linha do tempo desde a chegada dos portugueses neste território até a Nova república, retratando o genocídio, o apagamento: étnico-religioso-cultural que os diferentes povos indígenas sofreram, até a grande mudança na constituição que sancionou a lei A Lei 10.639/03 obriga as escolas de ensino fundamental e médio a ensinarem sobre história e cultura afro-brasileira. (BRASIL, 1988).

O segundo capítulo “O apagamento na educação brasileira” mostrará dados que comprovam que mesmo com a regulamentação desta lei o apagamento ainda se perpetua na educação brasileira. Finalizando no terceiro capítulo “A literatura liberta das amarras do preconceito” que irá trazer os principais autores indígenas, uma análise de suas principais obras e o porquê de trazer isso para sala de aula.

CAPITULO 1 - PINDORAMA

“Pindorama, Pindorama, é o Brasil antes de Cabral” (Palavra Cantada, 1998), era assim que chamavam esta terra os indígenas que viviam aqui, antes de terem sua cultura, sua crença, sua língua e sua vida apagadas pelos colonizadores. Era 22 de abril de 1500, quando as caravelas de Pedro Álvares Cabral chegavam em solo em uma viagem que era destinada para a Índia. (BUENO, 2018)

Figura 1 – Desembarque de Cabral



Fonte: IELA. **Os portugueses chegam a Pindorama.** 2016. Disponível: <https://iela.ufsc.br/os-portugueses-chegam-a-pindorama/> Acesso em: 20 nov. 2023.

O apagamento étnico-cultural indígena teve uma força maior com a chegada dos jesuítas em 1549, com a chegada dos jesuítas nessas terras eles tiveram como principal missão converter e catequizar os indígenas locais como forma de expandir o número de seguidores da igreja católica. (BORGES; BORGES, 2022)

Franca (1952) explica que:

Como o fim da Companhia é levar as almas ao fim para o qual foram criadas; e como para atingi-lo, além do exemplo da vida, é necessária a doutrina e o modo de propô-la; uma vez que os candidatos houvessem lançado os fundamentos da abnegação de si mesmos e do progresso nas virtudes, devera construir-se o edifício das letras e o modo de servir-se delas para melhor conhecer e servir a Deus criador e Senhor nosso. Para este fim, funda a Companhia colégios (FRANCA, 1952, p.19).

Borges; Borges (2022), pontuam que todas as ações realizadas pelos jesuítas no território até então chamado por Pindorama, tinham com base chegar na conversão

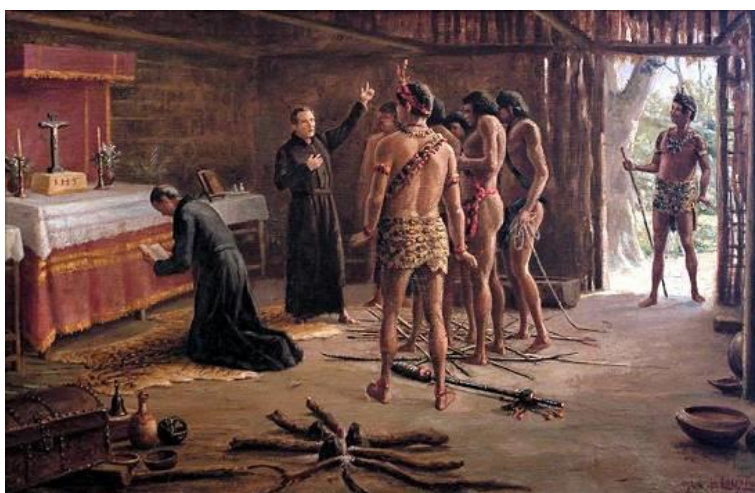
e submissão destes povos que aqui viviam, suas principais vítimas eram crianças por não serem tão resistentes.

1.1 Os jesuítas

Os jesuítas, ao entrarem em contato com os povos indígenas do Brasil, relataram através de cartas que os indígenas eram seres selvagens e sem cultura por não viverem sob leis dos homens como os europeus que se consideravam seres superiores viviam, em uma dessas cartas é relatava, [...] que poucas letras bastariam aqui, porque tudo é papel branco, e não há que fazer outra coisa, senão escrever à vontade as virtudes mais necessárias e ter zelo em que seja conhecido o “Criador” destas suas criaturas.[...] (NOBREGA, 1988).

Essa carta demonstra o desprezo que os portugueses sentiam em relação ao estilo de vida o qual os indígenas viviam, eles acreditavam que os indígenas eram pecadores e que tinham que ter almas salvas, assim dando início à imposição da fé cristã aos povos. Eles se infiltraram aos poucos nas aldeias, levando os fundamentos de uma educação religiosa com o propósito de catequizar para educar. (AZEVEDO, 1976).

Figura 2 - Anchieta e Nóbrega na cabana de Pindobuçu



Fonte: ENCICLOPÉDIA: Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Na Cabana de Pindobuçu**. 2023
Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6221/na-cabana-de-pindobucu> Acesso em:
30 de agosto de 2023.

Os jesuítas deram início às construções das casas de bê-á-bá, com o propósito de catequizar as crianças das aldeias, eles acreditavam que assim estariam tornando as crianças em seres “civilizados”, a crença deles de separar as crianças de seus pais

facilitaria o processo de catequização e apagamento cultural pouco vivenciado pelos jovens, já que estavam enfrentando dificuldades com os adultos. (BORGES; BORGES, 2022).

Seu principal trabalho dentro das casas de bê-á-bá era a introdução ao hábito de leitura e interpretação de textos bíblicos com o propósito de “catequizar para educar e educar para catequizar”, sua metodologia era fundamentada pelo modelo pedagógico conhecido como *Ratio Studiorum*. O plano começava com o aprendizado do português; seguia para a doutrinação cristã; ler e escrever com finalidade religiosa. (SAVIANI, 2013). Uma das formas utilizadas como apagamento da cultura indígena foi a disseminação da língua portuguesa entre as crianças e jovens indígenas, com o abandono de línguas nativas como o tupi, os jesuítas pensavam que seria inevitável a extinção cultural indígena. (SAVIANI, 2013).

1.2 Reforma das pombalinas

Figura 3 - Retrato de Marquês de Pombal



Fonte: Incrível História. **Reformas Pombalinas:** Pombal, Jesuítas e a reforma. Disponível em: <https://incrivelhistoria.com.br/reformas-pombalinas-jesuítas/> Acesso em: 20 nov. 2023

O apagamento da cultura indígena não terminou quando os jesuítas foram expulsos do Brasil por Marquês de Pombal em 1759, com o propósito de tirar o poder das igrejas católicas do território brasileiro, fortalecer o estado e poder do rei. (MACIEL; SHIGUNOV, 2006). Um ano antes Pombal, proibiu por lei a língua tupi e

oficializou a língua portuguesa como a única língua oficial do Brasil (BELIZÁRIO; SOUZA, 2022), que segue sendo até hoje a língua oficial do Brasil, como predomina a Constituição Federal de 1988 no artº 13.

Com a reforma pombalina, o ensino foi voltado apenas a elite e o que restou aos indígenas foi o trabalho forçado, o extermínio de seu povo devido às fugas e o contato com as epidemias trazidas pelos brancos europeus. Somente entre os anos de 1779 e 1781, morreram cerca de quinze mil indígenas em decorrência das doenças infecciosas: bexiga, sarampo e sarampo grande. (SOUZA, 2002 apud BNRJ, 21.1.1, Nº 10).

1.3 Velha e Nova República

Figura 4 - Proclamação da República



Fonte: AH Aventuras na História, **Benedito Calixto**: Retrato da quartelada que fundou a República no Brasil. 2018. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/benedito-calixto-quadro-proclamacao-da-republica.phtml> Acesso em: 19 nov. 2023

Com a proclamação da República Federativa do Brasil em 1889, assim como a população de ex-escravos negros, os indígenas também ficaram à margem da sociedade em questões de leis e direitos, a única preocupação do estado era com as terras ocupadas pelos povos indígenas aos arredores das cidades, assim o extermínio voltou a ser ferramenta dos brancos, o trabalho era feito por **bugreiros**, que tinham apenas o objetivo de matar o maior número de indígenas que encontravam.

Figura 5 - Eduardo de Lima & Silva Hoerhann, ao lado dos Xokleng



Fonte: Conselho indigenista missionário. **Há 106 anos, pacificação Xokleng serviu como armadilha para violência e esbulho territorial.** 2020. Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/10/pacificacao-xokleng-armadilha-violencia-esbulho-territorial/> Acesso em: 02 set. 2023.

Na imagem, acima estão presentes Eduardo de Lima & Silva Hoerhann, e os Xokleng um dos povos indígenas no sul do país. Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, na época um jovem de 18 anos, era o servidor do SPI designado para a pacificação entre os povos nativos e os brancos da região, a princípio, porém, demorou muito para se tornar o principal carrasco dos Xokleng, causando um massacre deste povo. (SANTANA, 2020). Ricos da região se aproveitavam da pacificidade destes povos indígenas para se aproximar, ganhar confiança com a finalidade de explora-los, assim como os portugueses fizeram no passado. (SANTANA, 2020).

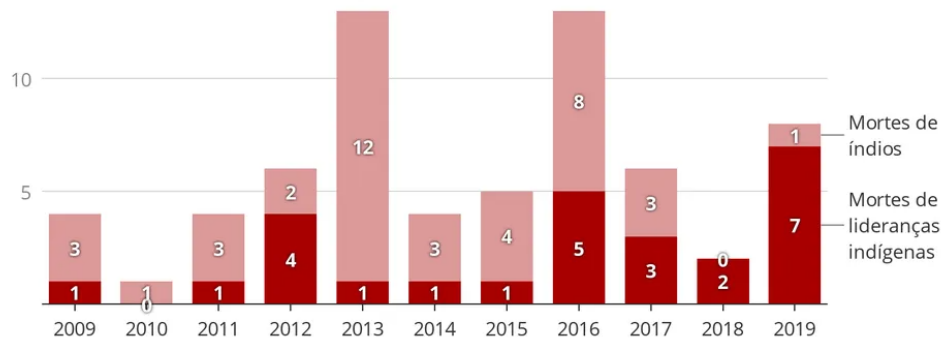
Durante anos, os indígenas tiveram sua cultura, suas crenças, seu povo dizimado, a falta de direitos e reconhecimento pelo estado se estendeu por muitos anos, até que em 1973 o direito de garantir a integração e proteção dos indígenas foi sancionado a LEI Nº 6.001, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1973. (BRASIL, art 1,1988), porém está “proteção” fornecida pelo governo militar era parcial com viés de assimilação.

Mesmo com leis que protegem a população indígena, ainda há um grande número de desaparecimento e mortes de aldeias que ainda existem no território brasileiro, a taxa de violência contra povos indígenas está em seu maior pico desde 2019. Como mostra o gráfico abaixo apresentado por uma matéria no G1.

Figura 6 - Assassinatos de indígenas (2009-2019)

Assassinatos de índios e lideranças indígenas no campo

Violência contra líderes de comunidades indígenas em 2019 foi a maior em 10 anos



*2019: dados preliminares

Fonte: Comissão Pastoral da Terra (CPT)

Fonte: G1. **Número de mortes de lideranças indígenas em 2019 é o maior em pelo menos 11 anos, diz Pastoral da Terra.** 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/10/mortes-de-liderancas-indigenas-batem-recorde-em-2019-diz-pastoral-da-terra.ghtml> Acesso em: 02 set. 2023.

Essa violência segue até hoje, ressaltando a importância de se lutar pela valorização desse povo e aprender com o passado, a escola tem o dever de dar início a essa conscientização de o quão importante é respeitar diferentes culturas e povos. Isso começa desde a educação infantil.

CAPITULO 2 – APAGAMENTO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Apesar da existência da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que tem como obrigação garantir o estudo da história e cultura indígenas e afro-brasileiras (BRASIL, 1988), o olhar eurocêntrico que ainda é predominante nas grades curriculares de diversas escolas do Brasil, atrapalha a valorização da vasta diversidade cultural indígena brasileira, devemos pensar no porquê de somente estar sendo trabalhado em temáticas de história sobre a colonização do Brasil e no “dia do Índio”.

Conforme Grupioni (2006, p.40):

Nesses mais de 500 anos de história do Brasil, os povos indígenas foram vistos e interpretados de diferentes formas. O questionamento sobre que papel eles poderiam desempenhar na formação da sociedade brasileira pautou diferentes práticas a eles dirigidas. Entre o bom e o mau selvagem, a visão de que os índios eram entraves ao progresso, que precisavam ser civilizados, salvos enquanto povos culturalmente diversificados, impôs-se como paradigma até bem pouco tempo atrás (GRUPIONI, 2006).

A discussão acerca da importância da valorização cultural desses povos é algo bem recente, até hoje muitos livros didáticos retratam povos indígenas como apenas pessoas ingênuas que foram enganadas pelos colonizadores portugueses e coisas estereotipadas sobre sua cultura. (REIS; BARBOSA; RODRIGUES, 2012). A falta de material didático que retrate a vasta diversidade cultural existente dos povos indígenas do Brasil é algo preocupante.

Quando falamos sobre como o assunto é trabalhado em livros didáticos temos a persistência do olhar de superioridade branco pelos povos indígenas, como, por exemplo, textos são construídos de forma pejorativa e estereotipada, muitas vezes retratando indígenas como preguiçosos que não querem estudar. (REIS; BARBOSA; RODRIGUES, 2012).

2.1 – A estereotipização ainda se perpetua

A estereotipização vem sendo assunto da pauta de ativistas indígenas sobre a problemática tanto do apagamento educacional, quanto a maneira que diversos professores optam por abordar a cultura indígena em sala de aula no dia 19 de abril

de maneira estereotipada, a foto abaixo retrata a campanha realizada pelos ativistas indígenas Denílson Baniwa e Katu Mirim:

Figura 7 - Poema do indígena Denilson Baniwa sobre o Dia do Índio nas escolas



Pai Nosso que estás nos céus
Neste dia 19 de abril
Nos livre das professoras e professores que
pintam seus alunos com canetinhas hidrocor
Nos livre das escolas que colocam cocares de
papel nas crianças
Pai Nosso, que estás nos céus
Não deixem as professoras ensinarem para as
crianças que o Dia do Índio é uma homenagem
aos povos originários
Mantenha longe de Nós aqueles que repetem
as palavras:
Índio, Oca, Tribo, Selvagem, Pureza e Exótico
Afastem de Nós os bu-bu-bu feito com a mão na
boca
Senhor, perdoem aqueles que por
desconhecimento nos fazem uma imagem
estereotipada
Mas livre-os do desconhecimento e do
preconceito que os fazem acreditar que ainda
somos os indígenas de 1500
Amém!

Fonte: G1. **Indígenas lançam campanha contra estereótipos para o Dia do Índio:** “Não precisamos de outras pessoas para nos definirem”. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/19/indigenas-lancam-campanha-contr-estereotipos-para-o-dia-do-indio-nao-precisamos-de-outras-pessoas-para-nos-definirem.ghtml> Acesso em: 29 set. 2023

A imagem acima mostra a maneira como esses povos se sentem ao ver que ainda se perpetua a prática de retratar nesta data como se indígenas fossem fantasia e que a única maneira de se “homenagear” esses povos é pintando os rostos das crianças e fazendo cocar. Sem falar do famoso “bu-bu-bu” que veio de filmes de faroeste americano.

Na entrevista para o G1, o ativista Denilson Baniwa pontua a importância de uma abordagem mais respeitosa nas escolas acerca desta data, ele cita que:

Índio não é tudo igual e não fala tudo tupi. Existem mais de 300 etnias, que falam mais de 300 idiomas. É importante saber que os indígenas são diferentes no Sul, no Nordeste, no Norte, no Sudeste e no Centro-Oeste. São visões diferentes de mundo e de cultura. Essa diversidade é importante para a formação do Brasil e entendimento do país enquanto território nacional (BANIWA, 2019).

Quando falamos do apagamento cultural, não falamos apenas sobre não retratar, mas também sobre o fato de estereotipar povos indígenas como se fossem um povo só. Isso é um apagamento étnico, que consiste em perpetuar um pensamento que vem do etnocentrismo trazido pelos portugueses para o Brasil. Isto está presente não apenas no material didático, mas também no pensamento de diversos professores, o que se mostra tão importante a existência desta pesquisa que tem como finalidade dar novas perspectivas como se trabalhar a valorização desses povos através da literatura.

CAPÍTULO 3 – A LITERATURA LIBERTA DAS AMARRAS DO PRECONCEITO

Pensando na necessidade de atender às novas exigências da sociedade que necessita de uma nova postura que fuja do tradicionalismo e que aborde uma literatura diversificada em sala de aula. (PERUZZO, 2011), é preciso que os docentes busquem conhecer autores além do eurocentrismo perpetuado durante seus anos de ensino-aprendizagem. Então a pergunta que se deve fazer é: Quem são esses autores?

Figura 8 – Fotografia de Daniel Munduruku



Fonte: Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Biografia de Daniel Munduruku**. 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641354/daniel-munduruku>. Acesso em: 21 nov 2023.

Daniel Munduruku é um escritor, professor, ator e ativista indígena brasileiro originário do Povo Munduruku, nascido em Belém do Pará, autor de 62 livros. Atualmente, seus livros têm como base mostrar a cultura do seu povo em suas histórias, na maioria, de literatura infantil. (Itaú Cultural, 2023). Seus livros estão presentes em várias pesquisas sobre a temática de literatura infantil de origem indígena, suas obras em destaque são: **O menino e o pardal**, **Coisas de índio (versão infantil)**, **Kabá Darebu**, **Um dia na aldeia** e **O banquete dos deuses**.

Figura 9 – Fotografia de Yaguarê Yamã



Fonte: Templo Cultural Delfos. **Yaguarê Yamã e seus ensinamentos sobre os povos originários.** 2023. Disponível: <https://www.elfikurten.com.br/2023/03/yaguare-yama.html> Acesso em: 20 nov. 2023

Ozias Gloria de Oliveira **Yaguarê Yamã**, escritor, ilustrador e geógrafo amazonense, falante de quatro idiomas indígenas, cresceu na aldeia indígena da etnia Maraguá. (FENSKE, 2023). Autor de mais de 32 livros infantis, suas principais obras são: **Contos da floresta, Falando Tupi, Meu pai Ag'wã: lembranças da casa de conselho e Puratiğ: o remo sagrad.**

Figura 10 – Fotografia de Eliane Potiguara



Fonte: Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Biografia Eliane Potiguara.** São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641360/eliane-potiguara>. Acesso em: 21 nov. 2023

Eliane Lima dos Santos, conhecida por Eliane Potiguara, é uma professora, escritora e ativista indígena brasileira, é fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas. (Itaú Cultural, 2023). Suas principais obras são: **O Coco que Guardava a Noite, O Pássaro Encantado e A Cura da Terra.**

Figura 11 – Fotografia de Márcia Kambeba



Fonte: O Globo. **Márcia Wayna Kambeba, geógrafa:** "Abre-se um novo papel para a mulher indígena". 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/contem-algo-que-nao-sei/marcia-wayna-kambeba-geografa-abre-se-um-novo-papel-para-mulher-indigena-21566839> Acesso em: 24 nov. 2023

Márcia Wayna Kambeba, é escritora, poeta e geógrafa, de etnia Omágua/Kambeba, nasceu numa aldeia ticuna, na localidade de Belém do Solimões, atualmente no município de Tabatinga. (IANCOSKI,2021). Suas principais obras são: **O povo Kambeba e a gota d'água", Infância na aldeia e Kumiça Jenó: Narrativas Poéticas dos Seres da Floresta.**

3.1 Uma breve análise de algumas obras literárias

O banquete dos Deuses, busca em sua obra trazer uma experiência de viagem pela alma indígena com o propósito de romper o perpetuamento de estereótipos que foram construídos durante esses 500 anos de existência do Brasil. (Munduruku, 2009).

Munduruku (2009) inicia pontuando em sua apresentação da obra uma mensagem importante:

Marcado em seus primórdios pela dizimação de grupos inteiros, esse processo de exclusão continua existindo de outras formas. Os estereótipos disseminados no imaginário social, as caricaturas veiculadas em programas humorísticos, tudo isso implica processos culturais complexos que repercutem fortemente na educação, tanto na escola quanto na família. [...] O banquete dos deuses é um valioso subsídio para o melhor entendimento das contribuições culturais das sociedades indígenas, das suas formas de percepção dos ciclos vitais, entre outras temáticas que tocam a identidade do próprio Daniel (MUNDURUKU, 2009).

Cada capítulo promove uma discussão pautada sobre uma temática diferente, desde o sentido de pertencimento na cultural indígena, apresenta a discussão do uso da palavra **índio** se é ou não ofensiva, etc. Alguns capítulos possuem temáticas que geralmente são trabalhadas com alunos mais velhos, mas nada que uma adaptação de linguagem e cuidado não facilite o uso deste livro com crianças pequenas, em destaque o capítulo “É ÍNDIO OU NÃO É ÍNDIO? ”, pontua uma temática muito importante para levantar discussões em sala de aula.

Coisas de índio (versão infantil), tem como objetivo abranger todos os aspectos e informações para serem ensinadas, refletidas e discutidas, abordar desde quantos povos indígenas existem no Brasil, aspectos das culturas como casamento, arte, música, jogos, línguas etc.

O livro apresenta um capítulo específico sobre o quão importante as crianças são para seus familiares, contém uma concepção bem diferente da sociedade que vive uma visão eurocêntrica. “A criança Kayapó, povo presente no Pará e no Mato Grosso, por exemplo, no dia em que recebe o nome, usa uma máscara de casca de ovo de passarinho e, no cabelo, penugem de urubu-rei. ” (MUNDURUKU, 2003). Desde o seu nascimento, eles têm esse pertencimento àquele local. Ao crescerem as crianças têm liberdade, são sempre ouvidas e têm direito de participar de todas as tarefas não perigosas. (MUNDURUKU, 2003).

Contos da floresta, apresenta mitos e lendas do povo Maraguá, em destaque a lenda do “Pescador e a onça” que aborda a importância do trabalho em grupo. O livro também conta com ilustrações bem características, dando para ver o cuidado da ilustradora Luana Geiger em produzir esse traçado semelhante aos usados em pinturas de origem indígena.

O pássaro encantado, transcreve a importância dos avós na cultura indígena, a importância do ensinamento das tradições, da cultura, do aprendizado, de serem figuras poderosas e mágicas. O livro possui ilustrações bem vivas e coloridas que são bem chamativas para se trabalhar com crianças pequenas.

3.2 – Literatura infantil como um meio de valorizar os povos indígenas do Brasil

Desde a regulamentação da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que visa garantir a obrigatoriedade do ensino sobre a cultura indígena brasileira dentro de aula, esse tema vem sendo pauta de discussões de diversos ativistas. O assunto ainda deve ser amplamente discutido, pois, mesmo após a regulamentação, segue perpetuando uma visão estereotipada e carregada de preconceitos sobre esses povos. (BRANDILEONE; VALENTE, 2018).

O uso da literatura infantil de origem indígena mostra-se um meio de abordar essas diversas culturas para dentro de sala de aula. Com a variedade de livros que se encontram com fácil acesso em livrarias online, obras que discutam as diferenças entre povos, cada aspecto da cultura, lendas, mitos, música, arte, não somente a parte negativa sobre o que esses povos viveram, mas também promover essa valorização das vastas culturas, fugindo do perpetuamento do apagamento cultural que faz parte da sociedade brasileira. É importante lembrar aos docentes que diferentemente de adultos, crianças não possuem preconceitos, elas têm mais facilidade em aprender novas culturas, conseguem absorver a importância do respeito, da valorização de diversas culturas e também podem aprender sobre a importância da preservação da cultura indígena. (STACCIARINI, 2022).

É preciso que os atuais e futuros docentes quebrem o vínculo de gerações passadas e façam o processo de descolonização do saber (STARCCIARINI, 2022), lembrando que, o preconceito não nasce ele é aprendido, o dever do docente é mostrar a importância de acabar com o silenciamento e o apagamento étnico-cultural que os povos originários sofrem. Pintar as crianças e colocar cocares em suas cabeças no dia ainda intitulado como “dia do índio” não é valorizar a sua cultura, mas sim continuar o vínculo com uma pedagogia tradicionalista que não busca trabalhar a importância do multiculturalismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o encerrar deste trabalho de conclusão de curso, entende-se a importância de se retratar uma temática tão importante como a luta pela valorização da cultura de povos indígenas dentro de sala de aula, é lá que podemos quebrar esse vínculo de perpetuamento de pensamentos retrógrados e descolonizar a visão eurocêntrica que ainda se perpetua no ambiente acadêmico.

O apagamento cultural dentro da educação brasileira ainda está forte, o dever dos novos docentes é levantar questionamentos dentro de sala de aula quando encontrar materiais didáticos, cujo, possuem uma visão eurocêntrica que promove aquele olhar eurocêntrico estereotipado como foi apresentado no segundo capítulo deste trabalho.

“Fazer literatura indígena é uma forma de compartilhar com os parentes e com os não indígenas a nossa história de resistência[...]” (GRAÚNA,2012). O uso da literatura infantil de origem indígena se mostra cada vez mais importante principalmente na atual situação que vivemos na sociedade brasileira, a qual demonstra que não mudou seu pensamento regado por estereótipos raciais que ainda aparecem nas grandes mídias.

Diversas possibilidades, por meio do vasto mundo literário de matriz indígena é uma possibilidade de resgate da valorização desses povos que devem ser enxergadas pelos docentes, para o fim do silenciamento da cultura indígena, dando o real valor à sua importância na história do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AYRES, Ariadne Dall'acqua; DA ROCHA BRANDO, Fernanda. **O olhar eurocêntrico no contexto escolar brasileiro**. *Revista Eventos Pedagógicos*, v. 12, n. 1, p. 177-191, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/10322> Acesso em: 25 set.2023.
- AZEVEDO, Fernando de. **A transmissão da cultura: a cultura brasileira**. São Paulo, Melhoramentos, 1976. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/381619585/a-cultura-brasileira-FERNANDO-DE-AZEVEDO-pdf> Acesso em: 30 ago.2023.
- BELIZÁRIO, Inézia; DE SOUZA, Antônio Carlos Santana. **Empréstimo da língua indígena: o uso da língua tupi na língua portuguesa falada no Brasil**. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 84, 2022. Disponível em: <https://revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1343/1407> Acesso em: 22 out.2023.
- BEZERRA, Eudes. **Reformas Pombalinas: Pombal, Jesuítas e a reforma**. Incrível História. Disponível em: <https://incrivelhistoria.com.br/reformas-pombalinas-jesuitas/> Acesso em: 20 nov.2023.
- BORIS, FAUSTO. **História do Brasil: História do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias**. Edusp, 1994. 22 p. Disponível em: [https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf) Acesso em: 24 ago.2023.
- BORGES, Felipe Augusto Fernandes; BORGES, Elenice Alves Dias. Jesuítas e crianças no Brasil: estado da arte nas produções historiográficas. **Comunicações**, Piracicaba. v. 29, n. 2. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/41704448/2692> Acesso em: 22 out. 2023.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; VALENTE, Thiago Alves. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**: Cornélio Procópio, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/qsfZp8Q3TY3DbByZKyDHfHc/?format=html> Acesso em: 04 nov.2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BUENO, Eduardo. **Brasil, uma história**. 1.ed. Lisboa: Leya, 2018.
- COSTA, Jacqueline. **Márcia Wayna Kambeba, geógrafa: "Abre-se um novo papel para a mulher indígena"**. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/marcia-wayna-kambeba-geografa-abre-se-um-novo-papel-para-mulher-indigena-21566839> Acesso em: 24 nov.2023.

Daniel Munduruku. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641354/daniel-munduruku>. Acesso em: 21 nov.2023.

Eliane Potiguara. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641360/eliane-potiguara>. Acesso em: 21 nov.2023.

FENSKE, Elfi Kürten. **Yaguarê Yamã e seus ensinamentos sobre os povos originários**. 2023. Disponível: <https://www.elfikurten.com.br/2023/03/yaguare-yama.html> Acesso em: 20 nov.2023.

FIGUEIREDO, Patrícia. **Número de mortes de lideranças indígenas em 2019 é o maior em pelo menos 11 anos, diz Pastoral da Terra**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/10/mortes-de-liderancas-indigenas-batem-recorde-em-2019-diz-pastoral-da-terra.ghtml> Acesso em: 02 set.2023.

FLORES, Cristine Gabriela de Campos; GOMES, Luana Barth; CASAGRANDE, Cledes Antonio. Abordagens das culturas indígenas na Educação Básica brasileira: reflexões para um ensino intercultural. Ponta Grossa: **Práxis Educativa**, v. 17, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19332> Acesso em: 27 set.2023.

FRANCA S.J., Leonel. O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum": Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525143/mod_resource/content/1/FRANCA.%20O%20m%C3%A9todo%20pedag%C3%B3gico%20dos%20jesu%C3%ADtas.pdf Acesso em: 24 ago.2023

GRAÚNA, Graça. Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. **Educação & Linguagem**, v. 15, n. 25. Rio grande do Norte, 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3357> Acesso em: 21 nov.2023

GRUPIONI, L.D.B. Contextualizando o campo da formação de professores indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, L.D.B.(org.) Formação de professores indígenas: repensando trajetórias. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/doc8.pdf> Acesso em: 28 set.2023.

IELA. **Os portugueses chegam a Pindorama**. 2016. Disponível: <https://iela.ufsc.br/os-portugueses-chegam-a-pindorama/> Acesso em: 20 nov.2023.

IANCOSKI, Jéssica. **Márcia Kambeba – Índio Eu Não Sou**. Toma aí um poema, 2021. Disponível em: <https://tomaaiumpoema.com.br/504-marcia-kambeba-indio-eu-nao-sou-literatura-indigena/> Acesso em: 20 nov.2023.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do

ensino. **Educação e pesquisa**. Santa Catarina, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/7bgbrBdvs3tHHHFg36c6Z9B/> Acesso em: 22 out.2023.

MARTON, Fábio. **Benedito Calixto**: Retrato da quartelada que fundou a República no Brasil. 2018. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/benedito-calixto-quadro-proclamacao-da-republica.phtml> Acesso em: 19 nov.2023.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses**: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global, 2009

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**: versão infantil. Ilustrações Camila Mesquita. São Paulo: Callis, 2003.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. Lorena/SP: UK'A Editorial, 2017.

Na Cabana de Pindobucu. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6221/na-cabana-de-pindobucu>. Acesso em: 30 ago.2023

NÓBREGA, Manoel. **Cartas do Brasil**, 1549-1560. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1988. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8016> Acesso em: 30 ago.2023.

REIS, Elisangela A.; BARBOSA, Rosimari B.; RODRIGUES, Elaine. A representação do índio no livro didático. In: SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM, 1., 2012, Maringá. **Anais**[...]. Maringá: UEM, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2074307/mod_resource/content/1/ARILD.pdf Acesso em: 28 set.2023.

SANTANA, Renato. **Há 106 anos, pacificação Xokleng serviu como armadilha para violência e esbulho territorial**. 2020. Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/10/pacificacao-xokleng-armadilha-violencia-esbulho-territorial/> Acesso em: 02 set.2023.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7311446/mod_resource/content/1/Sav.pdf Acesso em: 01 set.2023

SOUSA, James. Mão-de-obra indígena na Amazônia Colonial. **Em Tempo de Histórias**, n. 06, 2002. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/download/20175/18579/34858> Acesso em: 01 set.2023.

STACCIARINI, Letícia Santana. **Estudo do espaço narrativo em obras de autores indígenas brasileiros para o público infantil**. 2022. 232 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35103> Acesso em: 01 set.2023.

VIEIRA, M. Barbará. **Indígenas lançam campanha contra estereótipos para o Dia do Índio**: “Não precisamos de outras pessoas para nos definirem”. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/19/indigenas-lancam-campanha-contr-estereotipos-para-o-dia-do-indio-nao-precisamos-de-outras-pessoas-para-nos-definirem.ghtml> Acesso em: 29 set.2023.

PALAVRA CANTADA. Pindorama. **Canções Curiosas**. São Paulo: Grupo Corpo, 1998.

PERUZZO, Adreana. A importância da literatura infantil na formação de leitores. **Cadernos do CNLF**, vol. 15, nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tex_completos/a_importancia_da_literatura_infantil_na_ADREANA.pdf Acesso em: 10 nov.2023.

POTIGUARA, Eliane. **O pássaro encantado**. 1 ed. São Paulo: Editora Jujuba, 2014.

Disponível em: https://issuu.com/jujubaeditora/docs/o_pssaro_encanto_-_issuu

Acesso em: 10 nov.2023.

YAMÃ, Jaguarê. **Contos da floresta**. 1 ed. São Paulo: Editora Peirópolis, 2012.

Disponível em: <https://vdoc.com.br/book/jlo33epn2ql6/contos-da-floresta> Acesso em: 10 nov.2023.

WEIN, EMILIA. **Minha avó foi pega a laço, por Daniel Munduruku**. 24 mar. 2018.

Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2018/03/24/minha-avo-foi-peg-a-laco/> Acesso em: 03 nov.2023.